

## "MULHERES BENZEDEIRAS E SEUS DONOS: ALTARES SAGRADOS PELO OLHAR AFROCENTRADO"

SIMONE FERNANDES MATHIAS<sup>1</sup>; PATRICIA FERNANDES MATHIAS  
MORALES<sup>2</sup>; CLAUDIO BAPTISTA CARLE<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [simonefernandezpel@gmail.com](mailto:simonefernandezpel@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [patriciamorales@gmail.com](mailto:patriciamorales@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal Pelotas – [cbarle@gmail.com](mailto:cbarle@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O texto apresenta parte da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPEL. Com base no trabalho etnográfico acompanhando cinco mulheres benzedeadas vinculadas às religiões afrocentradas na cidade de Pelotas – RS. Onde observo suas práticas de cura, que se manifestam no corpo físico, mental e espiritual, através da fé e dos saberes ancestrais que carregam. Essas mulheres desempenham um papel central nas comunidades em que vivem, oferecendo seus serviços de cura como um vínculo não apenas com a saúde individual, mas também com a saúde comunitária e a continuidade cultural desses saberes. A cura proporcionada por essas benzedeadas transcende o tratamento físico; ela se inscreve numa rede de significados e práticas que envolvem uma profunda relação com os ancestrais e com forças espirituais, mediadas através de rituais.

Nessa perspectiva, os altares, os objetos (artefatos) e os espaços sagrados desempenham um papel fundamental na facilitação dessa conexão entre o mundo físico e espiritual. Ao adentrar esses espaços, detenho-me nos altares sagrados e no que os compõe. Esses altares são mais do que simples disposições de objetos (artefatos), eles possuem todo complexo de estruturas e dinâmicas, que engloba saberes transmitidos por gerações e que funcionam como pontos focais de poder, cura e mediação espiritual. Eles abrigam uma variedade de objetos, como as imagens de gesso de santos católicos e umbandistas, defumador (objeto onde se queima as ervas secas), o carvão, as guias, a tesoura, o sino, as velas, as pedras, os tecidos, as fitas, as flores, as plantas medicinais, o álcool, o copo com água, o cachimbo e o tambor — que, na prática do ritual, são mobilizados de maneira cuidadosa e significativa. As práticas de interiorização desses objetos no ambiente doméstico das benzedeadas, ou seja, a maneira como esses objetos sagrados adentram suas casas e ali se ressignificam.

Para INGOLD (2015) os objetos não são entendidos como coisas fixas, mas como constituídos por fluxos de vida, história e afeto, fazendo parte de uma rede de práticas, ações e relações que compõem o mundo social e material. Os altares, nesse sentido, não são apenas uma reunião de objetos; eles emergem como processos vivos, que demandam cuidados contínuos, reavivamento e comunicação com as forças espirituais.

Essa pesquisa nasceu de minhas vivências oriundas de família afrocentrada e raízes indígenas, sou bisneta de benzedores, com olhar voltado para os saberes ancestrais. Dessa maneira percebo o mundo e dirijo meu sentir, ouvir, entender. A escrita de CONCEIÇÃO EVARISTO (2020) me remete a uma escrevivência coletiva quanto ao sentido de comunidade. As narrativas são resgates de vidas, uma extensão da história de muitas mulheres, principalmente de negras e indígenas, cujas vozes foram silenciadas pela sociedade. A valorização das práticas de benzeduras afrocentradas em Pelotas remonta a uma profunda herança africana, enraizada nas tradições de resistência e preservação cultural das comunidades negras. Esses territórios de benzeduras são mais do que espaços de cura espiritual — são territórios de memória, de luta e de continuidade dos saberes passados de geração em geração. Ao descrever e compartilhar essas práticas, estou saudando os ancestrais, mas também fortalecendo a luta dessas comunidades em manter sua visão de mundo viva. Baseando-se na perspectiva de CARDOSO DE OLIVEIRA (1988), que destaca o "olhar, ouvir e escrever" como fundamentos do trabalho antropológico, podemos entender esses instrumentos como essenciais na construção do conhecimento antropológico.

## 2. METODOLOGIA

Ao longo de minhas visitas nesses espaços, observei os efeitos sensíveis desses objetos no cotidiano das interlocutoras. Como os ramos de ervas utilizados nas benzeduras ou as velas acesas no altar, não apenas desempenham uma função física, mas também evocam sentimentos, memórias e presenças invisíveis. A materialidade, aqui, é mediadora de uma espiritualidade que se entrelaça com a vida cotidiana e a cura. Trazem a importância da ancestralidade e das práticas sagradas realizadas por mulheres, destacando o papel das benzeduras e dos altares como canais espirituais. Entendendo que esses objetos, devem ser vistos como participantes ativos no processo de cura, e não meramente como acessórios. Estou acompanhando e descrevendo, utilizando o conceito de "descrição densa" de GEERTZ (2008) nos espaços das benzedoras e seus altares sagrados de tradições afrocentradas, que podem aprofundar nossa análise e interpretação simbólica. Para Geertz, uma "descrição densa" não se trata apenas de narrar o que ocorre em termos superficiais, mas de interpretar camadas de significados culturais, incluindo ações, palavras, gestos e símbolos que comunicam intenções e valores mais profundos em um contexto específico.

Ademais, o que se observa é uma continuidade entre o corpo, a mente e o ambiente material. O corpo da benzedora e dos seus "pacientes" são afetados pelos rituais de forma que a cura emerge dessa conjunção entre o material e o espiritual. Não há distinção nítida entre o que é físico e o que é espiritual: o corpo é simultaneamente um objeto de cuidado e uma via para o contato com o mundo imaterial, essa relação sensível e espiritual com a materialidade cria um saber sensorial e simbólico. Para BARTH (1998) as identidades étnicas são manifestadas através dos traços diacríticos que são estruturas, variações de pensamentos e formas de se manifestar no mundo. Entendendo que em cada momento, seja ele histórico, a sociedade se organiza com estratégias de

permanências e resistências, que nessa pesquisa, são as práticas continuadas dessas benzedeadas.

As palavras, o toque, o cheiro, a fumaça, a visão e o som são parte integrante do processo de cura. As plantas têm cheiros, as velas emitem luz, as brasas o calor, a água purifica. Todos esses elementos, ao mesmo tempo que pertencem ao mundo físico, transcendem-no, gerando uma experiência que vai além do que é palpável e imediato. Assim, o que parece ser uma simples "cura" física, na verdade, é um processo complexo de engajamento com a ancestralidade, com o poder dos objetos e com a presença espiritual que atravessa o mundo sensível.

O olhar etnográfico para PEIRANO (2016) é uma ferramenta complexa e poderosa, que demanda tempo, reflexão crítica e um engajamento profundo com o contexto de pesquisa. Não é um simples ato de observação, mas um processo contínuo de aprendizado, construção e interpretação do mundo social e cultural que o antropólogo estuda. No caso das práticas afrocentradas, esse olhar permitirá acessar camadas profundas de significados, às subjetividades e aos saberes que habitam esses espaços sagrados. Busco não apenas documentar as práticas de cura das benzedeadas, mas também explorar como os materiais e os sentidos são mobilizados nesses contextos para promover uma experiência de bem-estar nas pessoas que buscam essas práticas. Ao focar nos altares e na materialidade envolvida, capto uma dimensão que vai além do visível e do tangível, onde os objetos se tornam veículos de uma espiritualidade viva e pulsante.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhando essas mulheres benzedeadas, fica evidente que os espaços que elas ocupam continuam sendo buscados com frequência, especialmente por famílias da comunidade local. Muitas dessas famílias, em vez de recorrerem diretamente à medicina convencional, optam primeiramente pelos rituais de cura oferecidos pelas benzedeadas, que incluem a aplicação de passes energéticos, benzeduras e o uso de chás e ervas medicinais. Esse movimento revela uma confiança profunda na sabedoria ancestral dessas mulheres, que carregam consigo conhecimentos tradicionais transmitidos por gerações. É notável como algumas dessas benzedeadas já atendem a terceira geração de determinadas famílias, o que reflete o caráter intergeracional da relação entre elas e a comunidade. As mães, avós e bisavós que antes buscavam cura e proteção espiritual para seus filhos e netos continuam a confiar nas benzedeadas para cuidar de seus descendentes. A continuidade aponta para uma forte legitimidade cultural e simbólica dessas práticas dentro das suas comunidades, sugerindo que, apesar da crescente presença da biomedicina e de formas ocidentais de tratamento, a medicina tradicional e as práticas espirituais ainda desempenham um papel central na vida das pessoas.

A proposta de produção de um documentário, que conta com a parceria da fotógrafa e antropóloga Luciene Mourige, onde trago as vivências dessas mulheres benzedeadas. Começamos as filmagens no mês de agosto deste ano, na comemoração dos 52 anos da terreira de Tia Maruca, de 93 anos, a história desse espaço carrega um enorme valor cultural e histórico na comunidade negra pelotense. Esse documentário, como parte da pesquisa, vai contribuir de forma a aprofundar as discussões sobre as benzedeadas e seus espaços sagrados. Ao

registrar visualmente essas vivências e tradições, se amplia o alcance da pesquisa, permitindo que mais pessoas acessem e compreendam a relevância dessas práticas no contexto afrocentrado.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao descrever o altar sagrado, estamos interpretando mais do que um arranjo de objetos ou um espaço de devoção. Estamos acessando uma narrativa complexa de símbolos, ancestralidade, relações, percepções, memória coletiva e cura. Há uma dimensão ativa no ritual, em que os objetos (artefatos) têm relevância estética e sensorial. Nessa linha antropológica, podemos pensar as práticas de benzeduras e os elementos que compõem os altares sagrados como “mistérios” que permeiam o mundo. Essa busca pela cura por meio dos saberes tradicionais não ocorre em oposição à medicina moderna, mas como um complemento, onde a espiritualidade, a natureza e o corpo se entrelaçam no processo de cura. Nesse contexto, os territórios de benzeduras se tornam espaços de afirmação cultural e identidade, que continuam a desafiar e resistir às forças de apagamento na cidade de Pelotas. Preservar e documentar essas práticas é uma forma de garantir que a sabedoria e os conhecimentos ancestrais continuem a ter relevância e impacto, não apenas para as comunidades que os praticam, mas para todos que podem se beneficiar de uma conexão mais profunda com suas raízes e com a espiritualidade afrocentrada.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Frederick. **Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In. Philippe Poutignat; Jocelyne Streiff-Fenart, tradução de Elcio Fernandes, São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. “Tempo e Tradição: interpretando a antropologia”. **Sobre o Pensamento Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: 1988. CNPq. Pp. 13-25.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivência e seus subtextos - Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020. Cap. 2, p.31.
- GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. – 1ªed. 13ªreimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição**. 2015 [2007] a. Petrópolis, Editora Vozes.
- PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 20, n. 42, p. 377-391, 2014.